

PERCEPÇÃO DE DOCENTES EM RELAÇÃO A GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA

Luciléia Sênior de Lima – *Secretaria Municipal de Educação de Cacimba de Dentro-PB*
lucileiasenior@hotmail.com

RESUMO: Embora se tenha ocasionado inúmeras discussões sobre gênero e sexualidade na escola, notamos que ainda existe certa resistência por parte dos/as docentes em se tratando de trabalhar essas temáticas na sala de aula. A escola é o espaço da diversidade, embora exista vários desafios para discutir e dar visibilidade as questões relativas a gênero e sexualidade nos espaços escolares, cabe a todos/as que a compõem, buscar inserir discussões voltada a essa temática dentro de seu ambiente. Sendo assim, desenvolver ações educativas que proponha o reconhecimento da pluralidade em seu interior é indispensável para promover a igualdade e o respeito às diferenças. Nesta ótica, o presente trabalho tem como objetivo discutir as concepções de docentes em relação a gênero e diversidade na escola. A metodologia consistiu em discutirmos a concepção de docentes inseridos em uma escola estadual pública localizada em Cacimba de Dentro – PB. Aplicamos um questionário com oito questões abertas voltadas a reflexão e discussão de gênero no cotidiano escolar, com questões fundamentais que avaliaram o conhecimento prévio das/os envolvidas/os sobre o conceito de Gênero e sexualidade e as dificuldades dos/as professores/as em trabalhar essa temática na escola. Dessa forma, buscamos sugerir algumas formas de se aplicar essa temática na sala de aula tendo em vista a importância de debater e refletir sobre essas questões dentro do contexto escolar a fim de desenvolver o reconhecimento da diversidade de gênero e suas sexualidades. Esperamos contribuir de forma significativa no reconhecimento da diversidade no espaço escolar bem como estimular nos/as educadores/as envolvidos/as o desejo de aprimorar seus conhecimentos e desenvolver atividades que envolva estes assuntos na escola.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Escola, Docentes.

1. Introdução

Embora se tenha ocasionado inúmeras discussões sobre gênero e sexualidade na escola, notamos que ainda existe certa resistência por parte dos/as docentes em se tratando de trabalhar essas temáticas na sala de aula.

A escola é o espaço da diversidade, e embora não se tenha dada a devida visibilidade as questões relativas a gênero e sexualidade, cabe a todos/as que a compõem, buscar inserir discussões voltada a essa temática dentro de seus espaços. Sendo assim, desenvolver ações educativas que proponha o reconhecimento da pluralidade em seu interior é indispensável para promover a igualdade e o respeito às diferenças.

Muitos/as professores/as se veem “despreparados” para lidar com questões especificamente ligadas a gênero e sexualidade, “no contexto escolar brasileiro, preocupações com as práticas sexuais e suas implicações vivenciais e epidemiológicas vêm se impondo como pauta para a educação formal” (AVILA, TONELI e ANDALO, 2011, p. 290).

A falta de preparação e formação das/os profissionais da educação acabam contribuindo na reafirmação dos modelos que a sociedade atribui como normativos sobre gênero e suas sexualidades. Muitos/as professores/as se restringem somente a perpassar essas questões limitando-se a trabalharem apenas o corpo e o sexo no sentido biológico.

Considerando a necessidade de discutir e refletir gênero e sexualidade no espaço escolar, o presente trabalho teve como objetivo promover uma discussão com oito (08) docentes de uma escola pública estadual da cidade de Cacimba de Dentro-PB, acerca de suas concepções em relação a essa temática considerada tão necessária para a sua formação. Através dessa discussão identificamos e repensamos tabus e preconceitos referentes a gênero e sexualidade, a fim de evitar comportamentos discriminatórios e intolerantes tanto por parte de nossos/as discentes, quanto dos/as próprios/as docentes.

A escola onde serviu de respaldo para que realizássemos a pesquisa tem por nome Escola Estadual de Ensino Médio Senador Humberto Lucena, a mesma está situada na Rua Manoel Olegário da Silva, s/nº - Bairro Santo Antônio – Cacimba de Dentro/PB¹. Seus alunos e suas alunas são oriundos/as da zona rural e da zona urbana, a escola ora citada tem seu atendimento direcionado ao Ensino Médio regular e a Educação de Jovens e Adultos também de nível médio.

Portanto, esperamos contribuir de forma significativa no reconhecimento da diversidade no espaço escolar bem como estimular nos/as docentes envolvidos/as o desejo de aprimorar seus conhecimentos e desenvolver atividades que envolva gênero e sexualidade na escola.

2. Metodologia

A metodologia consistiu em um projeto de intervenção, ancorado em um questionário com oito questões abertas voltadas a reflexão e discussão de gênero no cotidiano escolar, com questões fundamentais que avaliaram o conhecimento prévio das/os envolvidas/os sobre o conceito de Gênero, as dificuldades dos/as docentes em trabalhar gênero e sexualidade na escola, dentre outras questões. Dessa forma, buscamos sugerir algumas formas de se trabalhar essa temática na sala de aula tendo em vista a importância de inserir essas questões dentro do contexto escolar a fim de desenvolver o reconhecimento da diversidade de gênero e suas sexualidades.

Suscintamente, com este trabalho pretendemos discutir e apresentar as dificuldades dos/as docentes em trabalhar gênero e sexualidade na escola e ao mesmo tempo procuramos sugerir algumas formas de se trabalhar essa temática na sala de aula tendo em vista a importância de inserir essas questões dentro do contexto escolar a fim de desenvolver o reconhecimento da diversidade de gênero e suas sexualidades.

A princípio organizamos uma roda de conversa com os/as professores de uma escola pública para discutirmos sobre Gênero e sexualidade na escola; esta metodologia inicial possibilitou

¹ Cidade localizada na microrregião do Curimataú Oriental, há 171 km de João Pessoa - PB

avaliarmos o interesse desses/as profissionais sobre a temática abordada. Percebemos através do comportamento de cada um/a o real interesse sobre o que estávamos discutindo.

Nessa roda de conversa havia docentes que desconheciam em parte a temática quando indagados sobre o que entendemos por Gênero e sexualidade. A partir daí sentimos a necessidade de promovermos alguns encontros para discutirmos de modo mais aprofundado alguns trabalhos acadêmicos sobre esses temas.

Foram realizados três encontros para discutirmos sobre Gênero e Sexualidade na escola. No primeiro encontro trabalhamos as temáticas envolvendo as questões de gênero e sexualidade no espaço escolar, por meio de produções acadêmica referente à temática. No segundo momento procuramos avaliar a nossa prática pedagógica, buscando apontar as principais dificuldades em se trabalhar essas temáticas na sala de aula. No terceiro encontro pensamos em algumas propostas de intervenção para serem desenvolvidas em espaços escolares. O terceiro encontro encerrou-se com a aplicação de um questionário contendo oito questões abertas o qual distribuímos entre os/as professores/as participantes para que respondessem individualmente.

3. Resultados e discussão

Desenvolver este trabalho na Escola Estadual Senador Humberto Lucena, foi sem dúvida muito prazeroso, por se tratar de uma escola de ensino médio, com um público alvo representado por adolescentes², sentimos que tínhamos uma responsabilidade imensa em intensificar mais os estudos voltado as questões de gênero e sexualidade na escola, pois constantemente os/as docentes são surpreendidos/as com diversas situações concretas em seus espaços, e muita das vezes a falta de conhecimento dificulta na forma de agir frente ao preconceito, ao sexismo, etc.

No primeiro momento procuramos discutir a partir de abordagens teóricas as questões relacionadas a gênero e sexualidade de modo específico dentro dos espaços escolares, sobretudo na sala de aula, a fim de refletirmos algumas situações de preconceito praticadas nesses ambientes. Uma das professoras participantes afirmou que no seu horário de trabalho já presenciou inúmeras atitudes mesquinhas, ela relata:

“Em minha turma tenho um aluno gay, percebo que tudo que ele faz ou diz os/as demais discentes riem ou não dão a mínima importância, fico sem saber como agir. Uma vez perguntei se eles/as acham correto agir com preconceito, no entanto não são capazes de afirmarem que tem preconceito só dizem que não acham correto certo comportamento e eu ouvindo seus relatos muita das vezes silencio” (P.E.F. Entrevista concedida em 19 de agosto de 2015).

² Segundo o Estatuto da Criança e Adolescente – ECA, é considerado/a adolescente o/a cidadão/ã que tem idade entre 12 e 18 anos.

A partir do relato dessa professora percebemos a importância de intensificar estudos sobre temáticas que contribuam na formação inicial e continuada dos/as professores/as da educação básica. Ela demonstrou não ter segurança para enfrentar situações preconceituosas preferindo assim silenciar diante das dificuldades.

Sentimos que essas atitudes são as que em sua maioria prevalecem, servindo assim, para afirmar e reafirmar que os/as docentes não estão preparados/as para lidar com assuntos polêmicos assumindo em seu cotidiano uma determinada postura de legitimação dessas práticas.

Prosseguimos o nosso primeiro encontro discutindo sobre o conceito de gênero, a conversa desenvolveu-se a partir da seguinte concepção:

Ao se falar em gênero, não se fala apenas de macho ou fêmea, mas de masculino e feminino, em diversas e dinâmicas masculinidades e feminilidades. Gênero, portanto, remete a construções sociais, históricas, culturais e políticas que dizem respeito a disputas materiais e simbólicas que envolvem processos de configurações de identidades, definições de papéis e funções sociais, construções e desconstruções de representações e imagens, diferentes distribuições de recursos e de poder e estabelecimento e alteração de hierarquias entre os que são socialmente definidos como homens e mulheres e o que é – e o que não é – considerado de homem ou de mulher, nas diferentes sociedades e ao longo do tempo (BRASIL, 2007. P.16).

Com essa citação, fundamentamos os pontos de vista de cada participante referente ao conceito de gênero, encerrando assim o primeiro momento. Numa impressão geral, através das discussões, os/as professores/as desnaturalizaram seus conceitos essencialistas e naturalizantes tido como correto e fundamentalista sobre gênero.

No segundo momento procuramos avaliar a nossa prática pedagógica atual, buscando apontar as principais dificuldades em se trabalhar essas temáticas na sala de aula. Retratamos também a forma como temas referentes a sexualidade podem ser abordados na sala de aula. Os/as professores/as concordam com o que Groppa, (1997) afirma pois, em sua opinião esses temas geralmente variam conforme a faixa etária o grau de escolarização e o nível socioeconômico do grupo.

Porém para a faixa etária em que estão atuando, indagam que os temas como gravidez na adolescência, pode abrir um leque para se discutir outros temas como virgindade, puberdade, homossexualidade e outras abordagens. Porém, mesmo tendo convicção da importância de retratar esses temas na sala de aula, mostraram-se bastante preocupados na forma como podem abordar tais temáticas.

Segundo (GROPPA 1997. P. 82), a sala de aula pode ser uma espécie de laboratório de possibilidades de expressão da liberdade, permitindo que os/as alunos/as pensem e reflitam sobre si mesmos/as. Nesse sentido, sentimos a necessidade de esclarecer, informar e orientar nossos/as alunos/as em suas decisões ligada a sexualidade.

Um professor foi sincero em dizer que trabalhar sexualidade na escola deve ser competência do professor ou da professora de Biologia segundo ele, estão mais preparados, no entanto, durante o diálogo mostramos que todos/as profissionais da educação devem está preparados/as para trabalharem essa temática, buscar ler, estudar sobre essa questão pode ser o começo, nesse sentido, JUNIOR (1997. P. 94), afirma que essa temática deve eventualmente surgir durante as aulas a partir do interesse e do cotidiano dos/as alunos/as ou seja, as abordagens devem ser feitas com toda naturalidade, tendo em vista que os/as alunos/as são repletos de desejos e anseios.

Encerramos assim o nosso segundo encontro mais confiantes, certos de que não seríamos mais omissos/as a responsabilidade que nos é confiada no cotidiano escolar. Os/as docentes se comprometeram em se preparar continuamente para suprir a necessidade de trabalhar sexualidade na escola e de modo específico na sala de aula.

No terceiro momento, foi crucial para discutir cada questão que norteou o presente trabalho. Distribuímos o questionário contendo oito perguntas aberta para que os/as professores/as respondessem individualmente levando-os/as a responderem tendo como base a sua prática docente. A Priore foi feito o levantamento dos dados sociodemográfico de cada um/a os quais apresentamos no quadro a seguir.

Gênero	Idade	Grau de escolaridade	Disciplina que atua	Experiência docente
Masculino	29	Especialista	Biologia	08
Feminino	24	Superior	Geografia e História	02
Masculino ²⁴	24	Superior	Filosofia	06
Feminina	53	Especialista	Língua Portuguesa	21
Feminina	25	Especialista	Língua Portuguesa	03
Feminina	29	Superior	Ed. Física	12
Masculino	29	Superior	Ed. Física	10
Masculino	30	Mestre	Matemática	10

A primeira questão do segundo bloco procurava identificar o conceito de gênero de cada um/a, uma das professoras respondeu que gênero é um termo usado para referencias como a diferença entre o homem e a mulher, outra em suas palavras disse,

entendo pela capacidade de olhar o indivíduo em todas as suas particularidades, afetiva, psicossocial e a sua sexualidade.

O professor de Biologia associou gênero a divisão do sexo masculino e feminino, o de matemática preferiu não comentar afirmando procurar estudar melhor sobre o assunto, porém o professor de Filosofia com suas palavras acrescentou: Gênero é a construção social do indivíduo, a sua forma de se perceber sua identidade e a maneira de se comportar perante o reconhecimento de sua identidade, fazendo suas principais reflexões sobre suas escolhas.

Outra questão os/as fez refletirem sobre a importância de trabalhar as questões de gênero na escola apontando as principais dificuldades, as principais respostas foram:

“Trabalhar gênero na escola é da oportunidade dos sujeitos respeitarem a escolha sexual de cada um/a. Mas na maioria das vezes a escola não se interessa em trabalhar esta política pública, e daí se torna “iceberg”. Muitas instituições não dão o devido valor aos que desejam trabalhar essas questões na escola” (P.F. Entrevista concedida em 19 de agosto de 2015).

“A comunidade escolar deve respeitar os direitos e as opções de gênero e conviver naturalmente com as diferenças. Respeitar o outro a partir da sua opção, lembrar que somos pessoas. Porém nem sempre como docente encontramos respaldo na escola ao tentar trabalhar em nossa sala de aula essa temática. Na maioria dos casos não é encontrado apoio e sim bastante resistência por parte da maioria da equipe pedagógica” (P.L. Entrevista concedida em 19 de agosto de 2015).

Segundo a professora de Língua Portuguesa “os desafios são constantes, todavia não é impossível trabalhar questões de gênero e suas sexualidades no espaço escolar”. Diante dos desafios apontados, é perceptível a importância da parceria de todos/as que estão inseridos/as nos espaços escolares para que se desenvolva ações educativas capaz de ajudar no reconhecimento e no respeito as diferenças.

Nisso foram sugeridas algumas formas de trabalhar as questões de gênero no contexto escolar. Em suas respostas destacamos a seguinte: “É preciso palestras com profissionais, promover oficinas de enfrentamento ao preconceito, buscar conhecer o perfil sociocultural de cada educando” (P.F. Entrevista concedida em 24 de agosto de 2015).

Porém uma das professoras afirmam não existir mágicas nem fórmulas, existem momentos e situações em que o professor tem que está preparado para agir com naturalidade, respeitando as diferenças. Mas será que as diferenças tem sido respeitada em meio a tanta resistência em se trabalhar essas temáticas dentro dos espaços escolares? Por onde cada docente pode iniciar? JUNIOR (1997. P. 94) elenca que a capacidade de conduzir atividades de modo dinâmico abrangendo várias estratégias (discussão em grupo, jogos e situações simuladas...) é uma das formas de levar os/as discentes a sentir-se a vontade para expressas suas opiniões.

Por fim avaliamos as respostas de cada um/a e vimos que existe grande carência de informação por parte dos/as docentes acerca dessas questões. Saímos com o desejo de buscar estudar mais a fim de se capacitar e buscar metodologias para se trabalhar na sala de aula temática que promova a igualdade e o reconhecimento às diferenças dentro do contexto escolar.

Para que a luta pela igualdade se “concretize”, segundo (SAYÃO, 1997, p. 101), é importante a parceria da escola com toda a sociedade escolar. Parceria nem sempre significa concordância, o que no entanto, não deve impedir o desenvolvimento do trabalho, desde que a escola saiba desenvolver ações que superem os obstáculos encontrados ao trabalhar com as questões de gênero dentro dos espaços escolares.

4. Conclusão

É possível pensar as identidades de gênero de modo semelhante: uma vez que as mesmas estão se construindo e se transformando. Em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo. Essas construções e esses arranjos são sempre transitórios, transformando-se não apenas ao longo do tempo, historicamente, como também se transformando na articulação com as histórias pessoais, as identidades sexuais, étnicas, de raça, de classe (LOURO, 1997, p. 28).

Nas palavras de Louro, gênero é uma construção social, sendo assim, a escola como espaço sociocultural, desenvolve um papel privilegiado e “essencial para garantir inclusão, promover igualdade de oportunidades e enfrentar todo preconceito, discriminação, e violência, especialmente no que se refere a questões de gênero e sexualidade” (BRASIL, 2007, p. 9), A escola é o local de formação intencional que deve trabalhar uma cultura de reconhecimento das diferenças e uma cultura de equidade e respeito a todos os indivíduos, independente, de gênero, raça, cor, religião, e etc.

Trabalhar com os/as docentes temática relacionada a gênero e sexualidade no contexto escolar é possibilitar discussões mais do que necessária para contribuir na erradicação das indiferenças as diferenças. O projeto de intervenção, possibilitou todos/as docentes envolvidos, analisarem de forma minuciosa a importância da formação continuada, bem como a necessidade de abordar dentro dos espaços escolares temáticas relacionada as questões de gênero e sexualidade.

Dialogar e dividir ideias sobre a forma de se trabalhar essas temáticas na sala de aula, serviu para nos mostrar que a escola quando quer faz, porém é importante que o trabalho em equipe esteja sempre presente. Os/as professores envolvidos/as nesse trabalho mostraram-se bastante interessados em buscarem aprofundar seus conhecimentos sobre a temática abordada. Os textos teóricos discutidos no grupo focal contribuiu de forma ímpar na consolidação da (re)aprendizagem de cada

docente.

Os/as profissionais de educação da Escola Estadual Senador Humberto Lucena, concluíram que as dificuldades em se trabalhar temáticas relacionadas a sexualidade são inúmeras porém é essencial para contribuição na luta contra o preconceito e as desigualdades, no entanto suas posturas sobre educação sexual não permitia abrir um leque para essas discussões, preferindo assim deixar essa parte com o/a professor/a de Biologia.

Referências .

ANDRIOLI, Líria Angela. **Relações de gênero na escola: Currículo Formal x Currículo Real.** In: Seminário de Pesquisa em educação da Região Sul. Rio Grande do sul. 2012.

AVILA, André Heloy. TONELI, Maria Juracy Filgueiras. ANDALÓ, Carmen Silvia de Arruda. **Psicologia em Estudo.** Maringá, v. 16, n. 2, p. 289-298. 2011.

BRASIL. **Gênero e Diversidade na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos.** Brasília – DF. Maio de 2007.

GROPPA, Júlio Aquino. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Summus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ Uma perspectiva pós-estruturalista / : Vozes, 1997.

SANTANA, Poliana Souza. NICOLINO, Aline da Silva. **Identidades de gênero e sexualidade na escola: identificação e mapeamento das ações educativas realizadas em Goiânia/GO.** Disponível em: serex2012.proec.ufg.br/up/399/o/poliana_souza_santana.pdf
Acessado em 20 de julho de 2015.

SOUZA, Marcos Lopes. **Formação Docente: desenvolvendo e analisando ações educativas para o combate ao sexismo e á homofobia nas escolas.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. 2013. Florianópolis. ISSN 2179-510x.

SAYÃO, R. “Saber o sexo? - os problemas de informação sexual e o papel da escola”. In: AQUINO, J. G. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas.** 3. ed. São Paulo: Summus, 1997, pp. 97-105.